

A DÍADE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE AS POSSIBILIDADES¹

THE DYAD PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION: THEORETICAL DISCUSSION ABOUT THE POSSIBILITIES

Andréa Kochhann²

Resumo: O presente trabalho vislumbra apresentar reflexões teóricas sobre as possibilidades de aplicação de conceitos da psicanálise à educação. Sabe-se dos limites dessa relação, contudo almeja-se que com o rompimento do paradigma cartesiano e discussões em cursos de formação de professores, essa díade seja alcançada. Então, o papel do professor não pode ser alicerçado simplesmente em transmitir um conhecimento científico, vai muito além, pois as relações entre professor e aluno devem fazer com que estes desenvolvam suas capacidades cognitivas em parceria, onde um e outro se complementam no processo educativo, pela alteridade. É sabido que Freud não objetivou um discurso sobre a didática pedagógica, mas considerava que o professor psicanaliticamente orientado teria mais condições de elaborar procedimentos didáticos que viabilizasse a aprendizagem. A ideia nunca foi de criar receitas da Psicanálise aplicada à educação, mas embasar teoricamente o professor sobre a sexualidade infantil, deixando para cada professor, levando em consideração sua prática pedagógica, a elaboração de sua práxis educativa psicanalítica, pois a construção do conhecimento é muito individual. Mesmo sabendo que tanto a psicanálise quanto a educação tem campos teóricos diferentes, que sua epistemologia conceitual é divergente, a díade Psicanálise e Educação se apresenta como possibilidade, podendo ser vislumbrada nos cursos de formação de professores.

Palavras-chave: Formação de professores. Psicanálise. Limites e possibilidades.

Abstract: The present paper aims to present theoretical reflections about the possibilities of applying concepts of psychoanalysis to education. It is known the limits of such a relation, however, by breaking the Cartesian paradigm and with discussions in teacher education courses, it is expected to reach that dyad. Therefore, the teacher's role cannot simply be grounded in transmitting scientific knowledge, it goes beyond that because the relationship between teacher and student should allow them to develop their cognitive capacities

¹ Artigo produzido para análise para apresentação de banners no I EMCEL, em Inhumas, no período de 29/06 a 02/07 de 2008, sendo que o texto parte da dissertação de mestrado intitulada “Por uma Pedagogia Psicanalítica: as vicissitudes na formação de professores” defendida em 2007.

² Mestre em Educação pela Cambridge International University, Pedagoga, Especialista em Docência Universitária e Métodos e Técnicas de Ensino. Professora de graduação e pós-graduação FMB, IEP e da UEG – UnU de São Luis de Montes Belos, Pesquisadora na área da Interdisciplinaridade, Formação de Professores e Psicanálise. Responsável pelo GEFOPÍ (Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores e Interdisciplinaridade) e pela PAIDOS – Revista Eletrônica de Pedagogia. E-mail: andreakochhann@yahoo.com.br

in partnership, where one complements the other in the educational process, by the otherness. It is known that Freud never aimed at discussing about pedagogic didacticism, but he considered that the teacher psychoanalytically oriented would get to elaborate didactic procedures that favored learning. The idea was never about creating Psychoanalysis recipes applied to education, but to base the teacher theoretically about the infantile sexuality, leaving for each teacher the elaboration of his/her psychoanalytic educational praxis, taking into consideration his/her pedagogic practice, once knowledge building is very individual. Even knowing that both psychoanalysis and education have different theoretical fields, and that their conceptual epistemology is divergent, the dyad Psychoanalysis and Education comes to be a possibility, being able to be seen in teacher education courses.

Keywords: Teacher education. Psychoanalysis. Limits and possibilities.

Introdução

A presente discussão tem como objetivo macro apresentar as contribuições teóricas sobre a teoria freudiana aliada à educação. Porém é preciso esclarecer que Freud, o pai da Psicanálise, nunca se ateu a criar uma didática pedagógica. Simplesmente alegava que o professor *psicanaliticamente orientado* poderia conseguir escolher ou criar metodologias didáticas que favorecesse o entrosamento entre a Educação e a Psicanálise.

Um professor psicanaliticamente orientado conhece a teoria da Psicanálise. Nela a mente está organizada em três sistemas conhecidos por Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente. Sendo o primeiro tudo aquilo que pode ser pensado, lembrado, dito, ou seja, tudo aquilo que o indivíduo está ciente. Já o segundo é o intermediário, os fatos não estão recalçados, podem vir à consciência, enquanto que o terceiro é uma área em que se encontram as idéias que uma vez foram conscientes e que por ser intoleráveis foram jogadas para o plano do inconsciente. Não obstante liga-se a divisão da personalidade em também três sistemas: o Id, o Ego e o Superego.

Onde o Id e o Superego são forças opostas, em constante conflito. O Superego quase sempre, é contrário à satisfação de nossa natureza animal, enquanto o Id procura satisfazê-la. Essa luta entre Id e Superego, na maioria das vezes, é inconsciente e não percebido por nós. Neste momento entra em ação o Ego – que procura manter o equilíbrio entre essas forças opostas, é a nossa razão, a nossa inteligência, à qual Freud chama de Ego. Este tenta resolver o constante conflito entre Id e Superego. Numa pessoa normal, o conflito é resolvido com êxito. É interessante lembrar que a Psicanálise, por ser uma ciência recente, encontra muitas barreiras no sentido de sua compreensão e aceitação, e quiçá, muito preconceito, por trazer

em si o discurso da sexualidade e do inconsciente. Mas, é de suma importância que os educadores estejam de olhos abertos para os conhecimentos que a mesma pode trazer para sua prática educativa.

Este artigo vislumbrou discutir as possibilidades da díade Psicanálise e Educação, a partir da metodologia de revisão bibliográfica com análise de teóricos como Kupfer (2000 e 2001), Cifali e Imbert (1999), Lajunquière (1999) e outros. A discussão sobre a díade não se limita apenas um ou outro nível de educação, mas a todos eles, ou seja, independente do espaço de atuação do professor a relação Psicanálise e Educação deve ser efetivada. A justificativa para a elaboração deste artigo ocorre pelo fato do homem, um ser biológico, psicológico e de relacionamentos complexos, viver uma época de pouco tempo e muito estresse, o que acaba por comprometer a qualidade de sua vida e seus relacionamentos. E, o professor tem um papel determinante nesse movimento, visto que o aluno passa a maior parte de sua vida se relacionando direta ou indiretamente com o professor.

Discussão teórica

Para maior aprofundamento das descobertas descritas acima, Freud observou pessoas sãs e doentes mentais e constatou que a causa da doença mental apresentada pela maioria de seus pacientes, era sempre um problema sexual. Observou também, as personalidades normais, e chegou à conclusão, que é a base de sua teoria “... o comportamento humano é orientado pelo impulso sexual.”, segundo Barros (1991, p. 61). Freud dá o nome de libido ao impulso sexual, que significa prazer. A libido constitui uma força de grande alcance na nossa personalidade, é um impulso fundamental ou fonte de energia. Nesse momento percebe-se que a personalidade humana é baseada na satisfação, então na afetividade, no emocional. Freud explica nosso desenvolvimento emocional, dizendo que o ser humano passa por diferentes períodos desde que nasce até alcançar a adolescência. Em cada um desses períodos, a libido toma uma direção característica.

No início da vida, a criança dirige sua libido para seu próprio corpo. A criança busca prazer inicial no seio da mãe, depois chupa o dedo, suga os próprios lábios... Este período é conhecido por narcisista, devido a lenda grega que diz que Narciso se apaixonou por si mesmo. Logo, a libido passa a se concretizar no ânus, pelo controle das esfíncteres. A seguir, o período fálico é o momento em que ter ou ainda não ter um pênis é sinal de angústia. Em seguida, a criança dirige sua libido para o progenitor do sexo oposto, manifestando hostilidade para com o progenitor do mesmo sexo. A menina ama o pai e hostiliza a mãe, a

mesma coisa com o menino. Esse período é conhecido como edipiano, pois a lenda grega diz que Édipo se apaixona pela mãe e mata o pai. Esse é o momento de identificação sexual, pois é neste período que cada qual adota o papel sexual para toda a vida.

Depois das dificuldades da fase edipiana, a criança passa para um período mais calmo. Esse corresponde aos anos da escola primária, em que a criança se ocupará em adquirir habilidades, valores e papéis culturalmente aceitos. Ele é denominado de latência porque os impulsos são impedidos de se manifestar. Nessa fase aparecem, na criança, barreiras mentais impedindo as manifestações da libido, essas são chamadas de repugnância, vergonha e moralidade. Mas, logo chega o período da puberdade que dizem ser a transição para a adolescência. É a época das modificações físicas e emocionais. Já na adolescência a libido do jovem se dirige a um adolescente do sexo oposto.

Está alicerçada a personalidade do homem em constante construção. Frente a esta análise percebe-se o quanto é importante a relação professor-aluno para uma boa formação da personalidade e do sucesso escolar, já que esta reflete na conduta escolar. Não apenas o aluno precisa ter cuidado por estar sendo formado a sua personalidade, mas, principalmente, o professor. Por isso, é necessário lembrar que não apenas o aluno, mas também o professor tem estes sistemas, então o inconsciente de um pode refletir no outro e a partir de então ter-se uma boa relação professor-aluno, ou não, com transferência positivas ou negativas.

A vida escolar manifesta-se na relação professor-aluno, que deve ser baseada na afetividade e não meramente no plano cognitivo. E justamente no espaço da sala de aula que as mais diversas reações da personalidade do professor e do aluno se manifestam. Portanto, o inconsciente interfere no processo educativo, porque ele não se submete, pois o inconsciente não é educável segundo as regras impostas pela sociedade, ele é imprevisível, não é controlável, é um processo de vai-e-vém, pode vir à tona qualquer instante, porém é tudo aquilo que foi recalcado e que para se tornar consciente provoca muita dor, assim é conveniente ficar no inconsciente. Então, o papel do professor não pode ser alicerçado simplesmente em transmitir um conhecimento científico, vai muito além deste paradigma, pois as relações entre professor e aluno devem fazer com que estes desenvolvam suas capacidades cognitivas em parceria, onde um e outro se complementam no processo educativo, pela alteridade.

É perceptível que para se chegar a um bom relacionamento entre professor e aluno é necessária a consciência por parte de ambos de que o processo só acontecerá se houver o envolvimento dos dois, a busca pelo conhecimento, juntos, a troca de informações, a dialética, a reflexão e o debate como forma de crescimento intelectual e principalmente, que os dois

tenham ou busquem desenvolver a criatividade, mesmo que o mundo em que estão inseridos seja o capitalista, que expressa individualismo e competitividade. Quanto a isso Philippe Ariès *apud* Kupfer (2001, p. 42) diz que “A partir do século XVII é totalmente solidário com um novo ideal educativo, construído de modo a atender às exigências político-sociais de uma burguesia nascente(...). Nossa criança é, por definição, escolar.”. Mediante a situação, resume-se o ensinar em humanizar-se? Será sim, se humanizar é tornar o mundo sem identidade e sem liberdade. Talvez por esse motivo os homens tem deixado de lado os sentimentos e usam apenas a razão irracional, se assim pode-se dizer, pois até a identidade humana está abalada.

O homem precisa ser construído e reconstruído de forma a encontrar o equilíbrio emocional, para sobreviver à coisificação ou reificação³, que o sistema impõe como forma de engrandecimento econômico. Esta problemática está levando muitas pessoas ao stress e à depressão. Entre essas pessoas estão também, o aluno e o professor. Essa construção ou reconstrução deve ser pensada a partir do que Pimenta e Anastasiou (2005, p. 97) alegam, pois “A educação é um processo de humanização. Ou seja, é um processo pelo qual se possibilita que os seres humanos se insiram na sociedade humana, historicamente construída e em construção.”.

Cabe neste momento ressaltar que a desmistificação da identidade do homem talvez não ocorra num único tempo e espaço, mas deve haver uma constante busca para sua construção. Frente a esse panorama está a proposta psicanalítica, no que tange à problemática do fracasso escolar, não se trata de apontar culpabilidade, seja ela, a desordem capitalista, ou outros, seja depositando-as no sujeito sob a forma de carências diversas, mas sim de interpretar as livres associações deste fracasso, bem como analisar o impacto no eixo relacional do processo de ensino-aprendizagem quanto ao inconsciente familiar, em particular do aluno em sua relação com o inconsciente do professor. Dessa forma, está explícito que o fracasso escolar está nas relações professor-aluno com seus inconscientes familiares, e que tudo pode ser revertido em sucesso ou fracasso escolar. Pode-se dizer que o professor por já ser adulto sempre acerta! Isso é ledô engano, pois o inconsciente não se submete as regras de aceitação e nem escolhe momento e local para buscar o nível da consciência, e dessa forma interfere no processo educativo.

Muitas vezes de forma negativa, se levando em consideração que educar também é violentar, quando os professores impedem os alunos de sentirem, pensarem e agirem

³ A opção por “coisificação” ou “coisificado” procurou atentar à conversão de uma relação humana em “coisa”.

conforme suas vontades na busca pela satisfação dos prazeres requisitados pela libido. Cabe ao professor auxiliá-los na busca dessa satisfação e não castrá-los de sentir prazer. Caso contrário, poderão se tornar pessoas frias, e insentimentais. Conforme Cifali e Imbert (1999) é de extrema relevância que no lugar da repressão ocorra a sublimação, que sem o uso da força se realiza por si após retirada as proibições, conduzindo dessa forma as energias para o bom caminho.

As autoras ainda apresentam que Freud destacava “... a importância de uma ‘educação psicanaliticamente esclarecida’ como ‘profilaxia individual das neuroses’. Sabemos que um dos efeitos dessa educação vai ser o de não contribuir para a repressão das pulsões parciais, mas sobretudo para a sublimação.” (p. 52). Assim, é de extrema importância que o professor tenha os conhecimentos sobre a teoria psicanalítica e especialmente sobre os mecanismos de defesa, sublimação, recalque, sedução, transferência e alteridade, pois a escola se vê pressionada pela sociedade a cumprir seu mandato social – ensinar – e, desse modo, enquadrar a criança em sua moldura. Momento em que os professores ficam perdidos em seus objetivos. Dessa forma, *educar é violentar*.

O ato da violência em educar é repudiado por Freud, pois este condenava uma educação que viesse fazer a criança a adotar um comportamento que lhe roubasse seu espaço de prazer, de brincar, que a levasse a ser dominada precocemente pelo princípio da realidade. A criança precisa encontrar seu sentido de realidade dentro do espaço escolar, caso ela for violentada buscará esse sentido entre outros lugares, como nas drogas. Então, retorna-se novamente ao professor, que poderá assumir um ou outro papel. O professor conhecedor da teoria psicanalítica pode favorecer a transformação do *slogan* “educar é violentar para educar é amar produtivamente”.

Caso for incapaz de amar produtivamente, negará qualquer sentimento de empatia ou compartilhativo com o aluno, caso ama produtivamente com toda certeza não fará da educação um ato de violência, e mesmo tendo o conhecimento de que o inconsciente não se submete auxiliará seus alunos no processo educativo para que possam juntos buscar alternativas viáveis ao sucesso escolar e a formação da personalidade dos seres humanos que no momento estão em suas mãos. Para isso é preciso compreender a relação entre Psicanálise e Educação. Freud pensa a utilização da Psicanálise na educação desde seu texto de 1913, que versa sobre isso. Segundo Kupfer (2000, p. 44)

Freud escreve que os educadores precisam ser informados de que a tentativa de supressão das pulsões parciais não só é inútil como pode gerar efeitos

como a neurose. De posse dessa informação, os educadores poderão reduzir a coerção, e dirigir de forma mais proveitosa a energia que move tais pulsões.

O professor muitas vezes pela falta de conhecimento auxilia na repressão das pulsões e deveria ser o contrário. O professor conhecedor da teoria psicanalítica pode transformar pulsões em desejo de saber, como aponta Kupfer (2000) o professor pode auxiliar na transformação da pulsão escópica em curiosidade escolar.

Convém lembrar que Freud nunca se ateu a didática pedagógica. Pensava que o professor *psicanaliticamente orientado* conseguiria elaborar procedimentos didáticos que favorecesse esse entrosamento. A ideia nunca foi de criar receitas da Psicanálise aplicada à educação, mas embasar teoricamente um professor sobre a sexualidade infantil. Contudo quando se tratava da educação, sempre uma dúvida inquietava Freud: Por que a educação sempre demonstrou, ao longo da história da humanidade, ser repressora? Pois, como apontam alguns teóricos, como Gadotti (1981), a escola aparece desde a antiguidade oriental, como AIE - Aparelho Ideológico do Estado, talvez possa ser pela cultura em que os homens estão inseridos. Como a educação transmite os valores, os ideais, a moral da sua cultura, muitas vezes é castradora, repressora, como aponta Kupfer (2000, p. 36) “Ao que tudo indica, é a moral, transmitida pela educação, que incute no individuo as noções de pecado e de vergonha que ele deve, necessariamente, ter diante das praticas sexuais.”

Houve um tempo em que Freud ligou doença nervosa à moralidade difundida principalmente pela educação e que então, caso os procedimentos educacionais não fossem abusivos seria de grande valia, pois é necessário o rigor para o bom funcionamento psíquico. Rigor não está associado ao autoritarismo e à repressão, mas a dizer sim e não quando o momento certo e tudo isso carregado de amor e respeito.

Para Freud o professor, principalmente das séries iniciais, poderia tanto ajudar quanto piorar o desenvolvimento da criança. Pois, enquanto a criança está na escola, passa pelas pulsões parciais que Freud alega serem as pulsões que constituirão o desenvolvimento da genitalidade. Essas pulsões parciais são por exemplo a pulsão escópica – olho, no caso da contemplação, o genital próprio, no caso da masturbação, na boca, no caso da sucção do polegar, no ânus, no caso da defecação. Neste momento entra o papel da educação aliado ao processo de sublimação. As bases que são necessárias a sublimação são fornecidas pelas pulsões parciais, que tem características perversas. E o interessante é que sem atos perversos não ocorrerá sublimação, e a cultura se alicerça na sublimação.

Portanto, o papel do professor perante a cultura, pode ser de repressor ou orientador de pulsões parciais que serão sublimadas. Quanto a isso Freud *apud* Kupfer (2000, p. 48) alega que “Só pode ser pedagogo aquele que se encontrar capacitado para penetrar na alma infantil. (...) Nós, os adultos, não compreendemos nossa própria infância.” Talvez seja esse o motivo que muitos professores agem de maneira narcísica com seus alunos e não auxiliam na sublimação.

Quando Freud sugere a possibilidade da relação da psicanálise e a educação não definiu uma práxis, deixando para cada professor com base em seus conhecimentos psicanalíticos, levando em consideração a prática pedagógica do professor, a elaboração de *sua práxis educativa psicanalítica*, pois a construção do conhecimento é muito individual e o professor precisa ter a sabedoria para construir essas práxis, pois Freud apostava nessa sabedoria e por isso “Deixa aos educadores a elaboração dessa aplicação da psicanálise à educação, sem intervir.” (Cifali e Imbert, 1999, p. 30). Reforçando esta questão os autores alegam que “A psicanálise se acha aqui em situação de pólo teórico que oferece à pedagogia seu saber, suas descobertas, deixando a esta última a tarefa de inventar as condições de emprego desse saber ao seu campo.” (p. 53).

Concordando com as ideias de Freud sobre o possível encontro da Psicanálise e a Educação, apresenta-se aqui Oskar Pfister⁴ idealizou a *Pedeanálise*, que significa a aplicação na prática de técnicas da Psicanálise para a Educação e também para a terapia de crianças, segundo Cifali e Imbert (1999). O que foi de grande valia, foi a base para o surgimento da Psicanálise para crianças, pois, “De todas as aplicações da psicanálise, nenhuma provocou tanto interesse, despertou tantas esperanças e, em consequência, atraiu tantos colaboradores competentes quanto a aplicação à teoria e à prática da educação infantil.” (Id, Ibid, p. 51).

Na visão de Oskar Pfister uma pedagogia psicanalítica poderia descobrir nas crianças aquilo que lhes inibia e prejudicava oriundas de seu psiquismo inconsciente. Isso remete a idéia de que “... o educador deve funcionar como analista, ao mesmo tempo que deve lembrar-se de que persegue um fim moral.”, segundo Kupfer (2000, p. 67). Convém ressaltar que o professor não pode ser um analista na sala de aula, mas funciona como, sem perder de vista sua formação de ensinante. Lajonquière (1999, p. 14) diz que “... por ocasião da carta aberta ao Dr. Fürts, Freud sustentou, pela primeira vez, que as neuroses e perversões poderiam ser prevenidas graças a uma educação apropriada.” Surge por ocasião disso, uma *pedagogia psicanalítica*, hoje colocada em xeque, mas essa ideia se espalhou por Moscou,

⁴ Suíço, nascido em 1873, pastor protestante que fez da Psicanálise um auxílio para sua prática pedagógica na educação de jovens de sua paróquia.

Alemanha, Suíça entre outros países do mundo.

Discípulos de Freud como Sandor Ferenczi, sua filha Anna Freud, o pastor Pfister, o acadêmico Pierre Bovet, Vera Schmidt, Hans Zlliger, August Aichhorn, entre outros abraçaram a idéia. A *pedagogia psicanalítica* se consolidou ora com um viés psicopedagógico, ora como intenção psicoterapêutica, através da indagação conceitual própria da psicanálise no âmbito educacional com Georges Mauco (França) e Durval Marcondes (Brasil), segundo dados de Lajonquière (1999).

Esta aproximação psicanalítica à educação ocorreu, enquanto pedagogia psicanalítica, na década de 1970, visto que várias publicações foram realizadas, como em 1972 com Daniel Hameline com “*Lê risque du métier*” que abordava sobre o professor e sua infância; em 1973 com René Kaes e Didier Anzieu com “*Fantasme et formation*” e “*Désir de former et formation du savoir*”, ambos abordando a classe escolar enquanto grupo.

Em 1974, com Janine Filloux com “*Du contrat pédagogique*” e em 1977, com Daniel Hameline com “*Le domestique et l'affranchi essai sur la tutelle scolaire*”, ambos falando das questões escolares; em 1982, com Meireille Cifali com “*Freud Pédagogue*”, apontando Freud como um pedagogo; também em 1982, com Maria Cristina Kupfer com “*Relação professor-aluno: uma leitura psicanalítica*” apontando sobre as relações; em 1989, com M^a Aparecida Morgado com “*Ensaio sobre a sedução na relação pedagógica*” tratando sobre a sedução; em 1996, com Francis Imbert com “*L'inconscient dans la classe*” falando sobre o inconsciente; em 1998, com Eliana Teixeira Lopes com “*A psicanálise escuta a educação*”.

Não significa que com estas publicações o fracasso escolar deixou de existir, pois a psicanálise não traz a solução para os problemas educacionais, conforme Lajonquière (1999, p.19) “Longe de propormos a forma positiva de uma educação adequada, ou seja, de mais uma nova teorização pedagógica, pensamos estar contribuindo no sentido de assinalarmos, apenas, aquilo que não deve ser feito, caso se deseje o acontecimento de efeitos educativos.”. Isso significa que não existe uma receita de práxis educativa e nem mesmo de uma pedagogia psicanalítica, mas apresenta algumas possibilidades de intervenção. Um exemplo básico pode ser a questão do paradigma tradicional ser rompido para um paradigma que visa a ponderação. Nesse ponto a psicanálise lança a possibilidade.

A vicissitude paradigmática está em deixar o terrorismo pedagógico e passar não à um inflacionismo pedagógico, mas sim a uma *ponderação pedagógica*, enfocada por M^a Cristina Kupfer, onde se faz necessário encontrar o equilíbrio da prática educativa, entre o rigor da aquisição do conhecimento e as relações necessárias para sua obtenção. Momento em

que se chama a atenção para os professores especialistas que muitas vezes não entendem o caráter pedagógico de sua prática e podem incorrer no erro de uma intervenção sem justificativa.

Melhor explicitado é que toda criança necessita ouvir um “*não*” ou “*sim*” com uma justificativa cientificamente ajustada, dessa forma ter-se-á uma intervenção natural e normal, vislumbrando a ponderação pedagógica. Contudo, muitos pais e professores, principalmente especialistas, foram educados no “*não é não e pronto*”, sem diálogo. Não se deve pensar que ao dizer “*não*” quando preciso, a criança ficará traumatizada e isso implicará na aprendizagem. O fato consiste em como dizer esse não e a justificativa para tal. A criança precisa aprender as diferenças entre o sim e o não, mas de maneira coerente e justificada. Ela precisa de limites.

Quando se aborda a questão da possibilidade da psicanálise se relacionar com a educação, deve-se fazer um recorte ao texto de 1913, “Interesse da psicanálise”, que conclui dizendo do interesse pedagógico. Freud *apud* Cifali e Imbert (1999, p. 52) alegou que “... a psicanálise ‘trouxe à luz os desejos, a formação de pensamentos, os processos de desenvolvimento da infância’ e, acima de tudo, a importância ‘inestimável’ da sexualidade ‘nas manifestações corporais e psíquicas’. Todo um saber que pode contribuir para fundar, na teoria e na prática a ação educativa.”

Antes de morrer, Freud assumiu sua negligência em não ter se interessado tanto pela possibilidade de diálogo entre a psicanálise e educação, mas se sente redimido, quando sua filha Anna Freud, dedica-se a este estudo. Freud afirma também que a educação do futuro é a pedagogia vinculada à psicanálise. Segundo Cifali e Imbert (1999, p. 52) Freud alega que “Desejo falar da aplicação da psicanálise à pedagogia, à educação da próxima geração. Alegro-me em poder dizer ao menos que minha filha Anna Freud se dedicou a esse trabalho como tarefa de sua vida, reparando assim minha negligência.”

Um fator que deve ser levantado como limite para o diálogo entre psicanálise e educação é que cada uma tem campo teórico diferente, sua epistemologia conceitual é divergente. Mas, o seu objeto de estudo é o mesmo: o homem, a criança. Mesmo que a teoria seja divergente, o objeto de ambos é convergente. Assim, é preciso um olhar conjunto, unindo as duas teorias vislumbrando sucesso no trabalho com o homem ou a criança. Isso é possível ver no Pequeno Hans, que era uma criança educada sem intimidações e restrições, apesar de todo o cuidado, pois para Freud *apud* Cifali e Imbert (1999, p. 63) “... os educadores devem resistir à sua vontade de ‘criar crianças-modelo’ que os deixem em paz (...). Ele opõe aos cenários imaginários da educação a importância da fala por meio da qual a criança possa

‘ousar’ dizer seu sofrimento.”.

August Aichhorn, citado por Cifali e Imbert (1999) é outro defensor da possibilidade da dialética entre a psicanálise e educação alegando que o desafio se alicerça em estabelecer uma relação de *intensidade* com a criança, o que ele chama de *transferência*. Pela pedagogia tradicional essa relação de intensidade se embasava no professor se mostrar severo e violento e hoje seria um professor receptivo, caloroso e acolhedor (que ontologicamente acolhe a dor).

Aichhorn defendia a possibilidade da psicanálise à educação ao alegar que o educador não deve concorrer com o aluno que apresenta atitudes desaprovadoras, o educador deve se colocar ao seu lado favorecendo a transferência positiva e então, seu trabalho com esta criança. Conforme coloca Cifali e Imbert (1999, p. 69) “O educador, diz Aichhorn, deve antes de tudo se pôr ao lado da criança associal e admitir que a atitude desta com relação ao que a cerca é justificada. Somente assim conseguirá ele trabalhar com seu aluno, em vez de trabalhar contra ele.”. Estando ao lado da criança, o professor ou orientador pedagógico, a partir das falas delas e de outras manifestações que apresentarem, poderá conduzir sua reeducação.

Outro teórico a favor da aproximação foi Hans Zulliger alegando que “A pedagogia psicanalítica é um método de educação que se apóia na compreensão psicanalítica das crianças em sua singularidade de indivíduos e como grupo, bem como na compreensão das reações dos educadores. Ela visa tornar as crianças ‘sociáveis’, isto é, ‘capazes de comunidade’.” (Cifali e Imbert, 1999, p. 74). É possível observar que Zulliger trabalha essa aproximação não de maneira transferencial como Aichhorn, mas grupal, comparando o professor e sua classe ao chefe e sua comunidade. Sua teoria grupal foi criticada por ser entendida que a posição do chefe era de controlar. Contudo, Zulliger afirma que na análise grupal o professor consegue constatar uma anomalia psíquica e encaminhar a alguém de competência. Para Zulliger *apud* Cifali e Imbert (1999, p. 143)

Não há por outro lado dúvida, da parte do professor iniciado na psicanálise, quanto à aplicação incessante de seus talentos aos alunos, a pô-los num pedestal e se maravilhar com tudo aquilo que neles descobre. Doravante, só raramente ou mesmo nunca terá ele de praticar a psicanálise. Porém, no caso de, graças a seus conhecimentos, ele ter constatado uma séria anomalia psíquica, ele vai chamar para ela a atenção dos pais e os levará a recorrer aos cuidados de um médico competente.

É visível que a Psicanálise se relaciona com a Educação. A educação é um processo natural do homem e este homem, se faz homem, através das relações que estabelece com

outros homens instigados pela cultura que se insere. Visto que o homem é um ser de relações, a base desta é o diálogo, a linguagem dialogal. É através do diálogo que os homens se identificam um com o outro, além de projetarem no outro, através das relações humanas, seus sonhos, sentimentos, idealizações... bem como realizar o processo transferencial. Dessa forma, Neves *apud* Brandão (2002, p. 52) afirma que “A identificação, a projeção e a transferência são fenômenos existentes em toda relação humana e que apenas foram apontados e levantados como dados empíricos, como estudo, como recorte, pela Psicanálise.”.

Perante a Psicanálise, não há vencidos e nem vencedores, porque se valoriza a subjetividade, que é individual fazendo parte do rol de verdades relativas que ao se pronunciarem enquanto tal perante a realidade objetiva que se apresenta, se torna verdade absoluta, naquela situação, assim, somos o que nos permitimos ser. Não somos fragmentados e estanques como as ciências exatas exprimem, alicerçadas pelo paradigma cartesiano-newtoniano e linear.

Quando se fala em paradigma é preciso fazer uma busca epistemológica para uma ampla compreensão. Na visão de Neves *apud* Brandão (2002, p. 49) “... a crise de paradigma se instaura no momento em que esse modelo não mais funciona quer por mudanças conceituais, quer por mudanças de visão de mundo.”. É com base nesse conceito que se alega que o paradigma da pedagogia tradicional precisa ser superado, pois devido as mudança no contexto mundial e brasileiro e a educação estar inserida neste, é necessário sua inserção nos modelos de mudanças. Costa Neto (2003) apresenta uma síntese sobre o antigo paradigma cartesiano-newtoniano e do novo paradigma sistêmico-contingencial, que facilita a compreensão teórica dos mesmos. Para o autor, o cartesiano-newtoniano se baseia no raciocínio linear, no determinismo, na incoerência entre teoria e prática, na disciplina, na objetividade, na fragmentação e na visão totalitária com verdades absolutas.

Por outro lado, o autor apresenta como vicissitudes na educação o novo paradigma que deve permear os cursos de formação, como sendo holístico-contingencial,. Que tem como características a concepção cíclica, evolutiva, com harmonia entre teoria e prática, com reflexão dialética, com dinamicidade e subjetividade, cuida do todo sistêmico, intercompleta e harmônica com visão de equilíbrio. Isso significa que é necessário um oferecimento de uma educação e de um educador que tenha a consciência que seu papel está voltado para a formação integral do indivíduo, para o desenvolvimento não apenas da inteligência, mas também do seu pensamento, da sua consciência e do seu espírito, conforme aponta Moraes (1997). Assim, é preciso a construção do perfil docente com base na psicanálise que poderá

oferecer esta formação integral. Quando se fala em novo paradigma, embasemo-nos em Costa Neto (2003, p, 25) dizendo que

A terra não resistirá a mais um século do fazer cartesiano-newtoniano: fragmentária, mecânico, explorador. (...). A efusiva competição destruirá tudo. Daí emergência da mudança de paradigma, para o que propomos como ponto de início, uma nova forma de se educar as pessoas. A educação não é tudo, mas apenas dela poderá surgir o horizonte norteador desta nova consciência.

Portanto, é preciso um novo ser e uma nova prática pedagógica. Quanto ao novo ser, Morin (1991, p. 108), apresenta

... um ser de uma afetividade intensa e instável, que sorri, ri, chora, um ser ansioso e angustiado, um ser gozador, ébrio, estático, violento, furioso, amante, um ser invadido pelo imaginário, um ser que conhece a morte mas que não pode acreditar nela, um ser que segrega o mito e a magia, um ser possuído pelos espíritos e pelos deuses, um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser subjetivo, cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser sujeito ao erro e à vagabundagem, um ser lúbrico que produz desordem.

Quanto à nova prática pedagógica, ainda Morin (2003) apresenta o *conhecimento pertinente*, que deve enfrentar a complexidade, aquilo que está tecido junto, não abandonando o conhecimento das partes pelo conhecimento da totalidade, muito menos da análise pela síntese, é de extrema necessidade unir estas idéias até então vistas como concorrentes, sendo assim necessário, conjugá-las. Essa nova prática pedagógica aliada ao novo ser, precisa de uma base solidificada que a sustente para seu crescimento, por isso a díade Psicanálise e Educação se apresenta como possibilidade.

Considerações finais

A discussão que ora fora apresentada se alicerçou na compreensão teórica da Psicanálise e de seu criador, Sigmund Freud relacionada à sua aplicabilidade na Educação, visto que no processo ensino-aprendizagem as relações interpessoais estabelecidas podem ser fator determinante para a aprendizagem. Com certeza, Freud deixou um grande legado à humanidade, quando apresentou a sociedade científica sua teoria sobre a Psicanálise com base no percurso da libido, alicerçando as fases psicosssexuais, com base na 1º e 2º tópicos.

Foi apresentada uma análise sobre para a compreensão das fases psicosssexuais, ao processo de sublimação que o professor pode favorecer, a transferência que inevitavelmente

acontece nas relações entre professor e aluno, a sedução que se faz necessária no processo ensino-aprendizagem e a alteridade enquanto superação da personalidade narcisista e o reconhecimento e valorização do outro enquanto ser constituinte do meu eu. Através de uma abordagem hermenêutica vislumbou-se a possibilidade relacional da psicanálise com a educação e de modo a perceber que há limites mas, também há muitas possibilidades dessa dialética ocorrer. É claro que cada área tem sua especialidade e não se almeja transplantar uma à outra, mas oferecer subsídios teóricos-práticos da psicanálise à educação, já que o objeto de estudo de ambas é o homem.

Um viés discutido foi no tocante ao embasamento conceitual quanto às várias possibilidades da sedução do professor com seus alunos, além de discutir teoricamente sobre a transferência nas relações entre professor e o aluno. Também foi reforçado sobre a personalidade e as relações narcísicas no ambiente escolar que favorecem o ícone de *educar é violentar*. E aqui apresentaram-se a possibilidade e a necessidade das relações de alteridade como forma de resgatar o humano do ser humano, pois o espaço escolar tem como objetivo a socialização do homem permeado pela construção do saber e de preferência com sabor. A psicanálise aliada à educação pode proporcionar este sabor ao processo ensino-aprendizagem. Não foi intuito deste trabalho discutir conceitos pedagógicos e nem psicanalíticos de forma isolada, mas sim mostrar a intimidade relacional entre essas duas correntes, fomentando a análise psicanalítica, visto que a análise pedagógica muitos educadores já possuem.

Não basta uma boa prática pedagógica, é preciso uma relação de confiança, segurança, amor, companheirismo, respeito, identificação, sublimação, enfim, o que segundo a Psicanálise é o processo de alteridade, transferência e sedução, nas suas várias nuances. Esse artigo que tinha como objetivo discutir as possibilidades da díade Psicanálise e Educação se faz tendenciosa visto que não se propõe aprofundar a discussão sobre os limites dessa díade. Isso é intencional. A revisão bibliográfica foi realizada com o intuito de analisar as possibilidades mediante a necessidade que os homens têm enquanto seres de relacionamentos, e estes se efetivam em grande parte de suas vidas no espaço escolar, mediado pela didática do professor e pelo processo de aprendizagem. Quiçá em outro momento analisar-se-á os limites desta díade.

Referências

BARROS, C.S.G. **Pontos de Psicologia Escolar**. São Paulo: Ática, 1991.

BRANDÃO, Z. (org) **A crise dos paradigmas e a educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CIFALI, M.; IMBERT, F. **Freud e a pedagogia**. São Paulo: Loyola, 1999.

COSTA NETO, A. **Paradigmas em educação no novo milênio**. 2 ed. Goiânia: Kelps, 2003.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Edição Intendarte Brasileira. Tradução de Jaime Salomon. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUPFER, M. C. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. 3 ed. São Paulo: Scipione, 2000.

_____. **Educação para o futuro – psicanálise e educação**. 2 ed. São Paulo: Escuta, 2001.

LAJONQUIÈRE, L. **Infância e ilusão (Psico) pedagógica**. Rio de Janeiro. Vozes, 1999.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

PIMENTA, S. G. e Anastasiou, L. G.C. **Docência no ensino superior**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Texto recebido em 24/03/11.

Aprovado em 07/10/11.